

## RESENHAS

MOTT, Luiz. *Homossexuais da Bahia*: Dicionário biográfico (séculos XVI-XIX). Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999. 149 p.

### **João Bôsko Hora Gois**

a documentação comprova que em seus 450 anos de história, São Salvador da Bahia foi não apenas a cidade de todos os santos, mas também de todos os sodomitas” (MOTT, 1999, p.15).

As pessoas ligadas ao debate sobre gênero no Brasil certamente lembram das controvérsias causadas pelas afirmações feitas pelo professor Luiz Mott, em meados da década de 90, relativas à homossexualidade de Zumbi dos Palmares. Embora tais afirmações tenham dado margem a discussões nada acadêmicas e a um grande volume de especulações, uma das suas possíveis frutíferas lições foi a reafirmação da importância da sexualidade na descrição de sujeitos da nossa história e da necessidade de dar à homossexualidade de tantos de nós um nome e um rosto. Isto porque, no que toca às minorias, particularmente às minorias sexuais, o silêncio e o obscurecimento têm sido comumente utilizados como estratégias de negação de suas identidades peculiares e das suas existências enquanto atores coletivos.

Tal quadro nos coloca, permanentemente, o desafio de desvelar os quadros mentais e as estratégias políticas que dão forma e sustentação a esse processo e às várias formas de violência física e social contra as minorias aludidas que dele emanam. Dar nome aos membros destes grupos, assim transformando-os em singularidades coletivas que não se dissolvem em conjuntos indiferenciados, pode ser um caminho fecundo na luta pela superação da recorrente discriminação contra as minorias (homo)sexuais. Parece ser esta a contribuição mais importante do *Dicionário Biográfico* aqui em questão.

Retratando os lances que conduziram à prisão de muitos homossexuais do passado, o Dicionário nos coloca diante de uma legião de homens e mulheres cuja inclinação homoerótica os levou às garras da Santa Inquisição, ao Banco dos Réus, ao escrutínio médico e ao sarcasmo da imprensa. Valendo-se de numerosas fontes – Livros das Visitações do Santo Ofício, Cadernos do Nefando, jornais, teses médicas, poemas de Gregório de Matos etc. – ele nos coloca frente a frente com histórias de personagens mis. São Anas, Antônios, Catarina, Franciscos, Lourenços e Marias envolvidos em dilemas legais e de aceitação social moldadas a partir de questões de gênero. Mas gênero e comportamento (homo)sexual não são ali apresentados de forma descolada de outras determinações. Assim, ao mostrar como o desenrolar das histórias de acusações contra práticas homoeróticas e as conseqüências dali advindas eram modeladas por fatores como raça e *status* social, o Dicionário fornece indicações mais ou menos seguras quanto à necessidade de articular – ampliando o seu próprio conteúdo e alcance analítico – a categoria gênero a outros elementos da análise social. Vide o caso de Gaspar Rois, denunciado em 1959, homem branco, feitor de escravos,

“somitigo renitente”, cuja absolvição pela Mesa do Santo Ofício pode ser debitada ao fato de que seus acusadores valiam-se de relatos fornecidos por negros escravos.

A descrição relativamente detalhada do caso de Gaspar Rois, por exemplo, de fato não se repete na apresentação de todos os outros biografados – o que roubou do Dicionário a possibilidade de tornar-se uma fonte mais útil de consultas. Isto, contudo, parece compensado pela diversidade de tipos humanos ali descritos. São eles homens e mulheres, brancos pobres e negros escravos e forros. Entre estes figura Felipa de Souza, costureira, presa pela polícia religiosa em 1591 e, devido aos seus diversos relacionamentos lésbicos, condenada a ser açoitada em público e ao degredo perpétuo da Capitania. Lembra Luiz Mott, que Felipa de Sousa é a

mais ousada, persistente e castigada de todas as lésbicas das colônias da América, razão pela qual o seu nome foi atribuído ao principal prêmio internacional de Direitos Humanos dos Homossexuais, o chamado “Felipa de Souza Award”, conferido pela International Gay and Lesbian Human Rights Commission de S. Francisco, Estados Unidos.

Vemos também biografados membros da elite política e cultural baiana e nacional, assim como representantes do clero, da aristocracia escravocrata e da burguesia urbana em formação no século XIX, representados por personagens como, dentre outros, os padres Frutuoso Alvares e Amador Antunes; Diogo Botelho, oitavo governador da Bahia; o capitão Antônio Guedes de Brito; J.B., político de influência nacional e Junqueira Freire, patrono da cadeira n. 25 da Academia Brasileira de Letras. Assim, o Dicionário abarca histórias de muitos que, por outras razões, já eram párias sociais, aos quais, portanto, a homossexualidade trazia mais um elemento de exclusão, assim como registra a história daqueles detentores de alguma posse e poder, que puseram em jogo as suas posições sociais. De comum a todos eles, a marca da perseguição e do sofrimento.

Mas o trabalho em questão – um dos seus maiores méritos – não tem a vitimização como tônica dominante. Ao contrário, em retratando as atrocidades cometidas contra os homossexuais, o Dicionário nos põe também em contato com “desviantes convictos”, com *gays* e lésbicas que, mesmo sabendo dos riscos que corriam, optaram por dar vazão aos seus sentimentos e desejos. Homens e mulheres que desafiaram instituições temidas e seus castigos severos. Que derrubaram barreiras, que mataram por seus desejos e que se permitiram viver de modo mais ou menos explícito a intensidade dos seus afetos. É o caso de um certo Fernão Luiz e de uma Francisca Luiz, denunciados ao Santo Ofício em 1591 e 1592, respectivamente. É nessa mesma situação que se encontra o violeiro e estanqueiro de fumo Luiz Delgado que,

Mesmo sendo casado, aliás como a grande parte dos sodomitas do passado – e do presente! – [...] se excedia em demonstrar publicamente a paixão que nutria por seus sucessivos amantes, beijando-os na frente de outras pessoas, regalando-os com presentes e fino trato, andando juntos pela rua, de baixo de um grande guarda-sol, para escândalo e escárnio de seus inimigos (MOTT, 1999, p. 81).

Luiz Mott estabelece como objetivos da obra o “resgatar a história recôndita [de] duas centenas de *gays*, lésbicas e travestis da Bahia antiga, vítimas do preconceito e da discriminação” e “estimular a outros pesquisadores a aprofundar as pistas [ali] apenas

esboçadas". Contudo, em escopo e contribuição, o Dicionário atinge vôos bem mais altos. Ao examinar os casos de perseguição à homossexualidade nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, ele nos fala de aspectos os mais relevantes da modelação das noções de sexo e pecado no Brasil. Consubstanciando as hipóteses avançadas por Angela Mendes de Almeida em *O gosto do pecado: casamento e sexualidade nos manuais dos confessores dos séculos XVI e XVII* (Rio de Janeiro: Rocco, 1993), Luiz Mott retrata no Dicionário aspectos peculiares da utilização dos ritos dos julgamentos eclesiásticos ao sul do equador. Destes aspectos, a relativização de normas é, certamente, o mais relevante tanto pelo que constitui de ferramenta de libertação de muitos apenas "relativamente culpados" (aqueles cujas práticas homossexuais não incluíram penetração seguida de ejaculação, por exemplo) quanto por apontar, no plano teórico, para a validade (e necessidade) da discussão sobre "reavaliação funcional de categorias" – algo hoje tão em voga no campo das ciências sociais e humanas. Ao tocar em tais questões, ainda que tangencialmente, o Dicionário nos permite refletir sobre problemáticas mais amplas e atuais sobre a forma como se construíram em nosso país os ideários sobre gênero e sexualidade.

No cerne de todas as pequenas biografias do pequeno Dicionário, vem a lembrança tanto de um passado distante quanto de uma realidade cotidiana atual, cuja compreensão das raízes pode nos ajudar a produzir uma abordagem mais eficaz e uma intervenção mais transformadora. Neste sentido, dando seqüência a uma fecunda produção acadêmica sobre a questão do homoerotismo, o professor Luiz Mott, com seu *Dicionário Biográfico*, nos mostra mais uma vez a possibilidade de se articular, com graça, estilo e rigor acadêmico, a pesquisa científica e a intervenção política.

Vale por fim ressaltar que o Dicionário nos coloca diante menos das questões que afetam um grupo sócio-sexual particular e mais frente a frente com os dilemas do lidar com a diferença e a alteridade. Neste sentido, ele nos põe a tarefa de refletir sobre o estado da nossa tolerância – de ontem e de hoje – e, por conseguinte, nos conclama a pensar sobre o *status* do nosso estado civilizatório e da nossa democracia como um todo.